

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.137
Sexta-feira, 4 de Agosto de 1922
PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Tullnha-Lisboa-Telefones 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Os ladrões do povo arrebatados pelo Estado

Iniciam-se os protestos — 10.000 pessoas só numa sessão — Há que arripiar caminho

É hoje que tem início a venda do pão de dois tipos e mais caro — o grande roubo feito ao consumidor, não o que é rico, porque esse roubará por sua vez, o que vive do salário amargurado na produção das utilidades.

O governo estava e está tão sciente do grande crime que está cometendo, que a despeito de alegar razões fundadas em possíveis perdas destinadas a convencer a população e que seriam — não é verdade? — suficientes para que ela pagasse sem protesto, procede exactamente ao contrário.

Ontem, apesar de muito escondida, já-se num jornal a seguinte nota:

«Ao que nos consta, o sr. ministro do Interior deu já as necessárias instruções aos governadores civis e outras autoridades para que tomem todas as precauções no sentido de manterem a todo o transe a ordem pública, amanhã, primeiro dia da execução da lei que criou os dois tipos de pão.»

Nesta nota transparece a vontade firme de os dois tipos com novos e mais elevados preços serem impostos pela violência à população, como se esta não estivesse causticada já com toda a casta de roubalheiras por parte de todo o fiel patife que negocia e explora com a miséria e com a fome.

Diz-se que o tesouro público não podia aguentar-se mais com o prejuízo que tem tido com o pão. Mas que culpa tem o povo que trabalha e sofre dos prejuízos do Estado? Porventura não é ele, o povo, já sobrecarregado com todos os impostos e contribuições, que paga já com língua de palmo e meio, percebendo de menores salários e com a elevação de preços das utilidades que necessita, isto é, indirectamente?

E agora que o Estado deixa o encargo oneroso, deixará o povo de pagar o que pagava? Acaso não continuará a pagar e sob a ameaça de pagar mais?

Vamos, senhores: se a actual situação não podia prolongar-se a situação de desgraça e miserável em que o povo se encontra chegou já há muito ao impossível.

Quem o ignora? Nem o próprio governo, que, por isso mesmo, prometeu empregar medidas contra os causadores da vida cara, mas, por esta amostra, está-se a ver a qualidade das medidas.

Pois muito bem, o regime novo inicia-se hoje e já ontem se iniciou o protesto. O governo, que sabe o crime que está cometendo, enviou já ontem forças para diversos pontos. Não faltaram só as nossas janelas e tentaram mesmo impedir a realização da sessão de protesto à qual assistiram mais de 10.000 pessoas. É o princípio. Veremos como se chega ao fim.

Uma imponente sessão de protesto

Cerca das 15 e 30, com uma concorência densa, que enchia por completo o pátio e a larga escadaria do edifício da C. G. T. deu-se início à sessão de protesto.

É preciso que os trabalhadores saiam do marasmo

Arnaldo Ferreira, em nome da U. S. O., iludida a assembleia sobre os motivos da reunião, a qual é especialmente para tratar do novo regime de pão, que serve muito à vontade para os exploradores do povo prosseguem nas suas roubalheiras constantes. Espera que os trabalhadores, em face do momento grave que passa, saiam do marasmo em que tem permanecido, para impôr a sua razão aos governos e moageiros, que mais uma vez pretendem espinhar os consumidores.

Esclarece a assembleia de que uma com a U. S. O. se encontra aquilão a hora junto do governo civil para tratar do assunto.

O regime dos dois tipos de pão não vigorarize se o povo quizerse

A seguir faz uso da palavra Francisco Vianna, da comissão contra a carestia da vida, que pergunta o que deve fazer-se perante o novo atentado à bolsa do consumidor, com o novo regime de pão.

«Acção revolucionária!» responde a multidão com entusiasmo.

Prossiguiu, o povo se manifestou com uma forma clara, plausível, pois a U. S. O. precisa da força dos organismos para proceder com energia.

Nesta ocasião a numerosa assembleia manifestou-se entusiasticamente pela greve geral.

O orador afirma que a classe trabalhadora tem as maiores responsabilidades, pela sua cobardia, na miséria que atravessa. Só sabe lamentar-se e chorar em casa e não se impõe como deve. O regime dos dois tipos de pão não entraria em vigor se o povo trabalhador o quizesse. Para as classes operárias fazerem valer os seus direitos, devem saber opôr a força à força.

A U. S. O. precisa saber quem conta

Basta de discussões!

Alberto Dias, da Federação da Construção Civil, diz que o operariado sciente sabe cumprir com o seu

Rebeldias

O Lutétia trouxe ontem ao Tejo, Santos Dumont, o homem que deu a sua inteligência, a sua actividade e o seu dinheiro para que neste ano de 1922 a aviação fosse o que já conseguiu ser.

Lisboa teve por horas alguém em quem estão concentradas muitas das mais belas páginas de sacrifício e nobre audácia da história da conquista do espaço pela ciência. Essas raras horas desmascararam a validade de muitos dos que, promovendo-lhe uma homenagem afectada, apenas mostraram possuir a intenção de se elevar artificialmente com algumas fotografias, ao lado do que soube elevar-se acima de coisas inúteis, mesquinhas e ridículas. Da sua passagem veloz por esta cidade de rotina, uma frase, uma opinião ficou.

Santos Dumont delecta a aviação da guerra e ama a aviação pacífica. Vai a sua admiração para a que nobilita, o seu desprazo para a que mata.

Santos Dumont arriscou a vida para oferecer mais bem estar aos seus semelhantes e delecta cordialmente a que se apoderam do seu esforço, para transformarem em agente do mal um poder poderoso do progresso que ele soube para o bem.

Pica bem expressa nesta frase o valor moral de Santos Dumont, que tendo contribuído para facilitar o voo do homem no espaço lamenta que ele tenha elevado o seu voo à altitude hoje conquistada pelos aviões.

Cristiano LIMA

O horário de trabalho

Prossegue e intensifica-se o movimento — contra a regulamentação-burla —

que pariu o célebre regulamento-burla. Nessa falta que os da patronal deitaram ao governo fez-se sentir que o Estado, para a restauração das dez horas teria maior visibilidade possível, devia dar o exemplo, principiando por obrigar os seus serventários a fazerem horas extraordinárias. A coisa iria assim pegando, e as restantes classes extra-oficiais ver-se-iam forçadas a adoptar o mesmo sistema.

Pensou-se então nos caminhos de ferro. Pelo lado do Sul e Sueste não se devia começar: esses revolucionários ferroviários levantaram-se imediatamente. O melhor era apalpar o pulso ao Minho e Douro. Se estivesse fraco, se anísse, mais tarde o Sul e Sueste teria que capitular, levando a C. P. a fazer nova tentativa contra as 8 horas. Assim parece ter ficado assente.

A semana passada foi afixada uma ordem de serviço para que todo o pessoal das oficinas gerais do Minho e Douro fizesse duas horas extraordinárias que seriam pagas apenas pelo dobro do ordenado fixo. Era o primeiro passo para as dez horas. Passado algum tempo, assim como agora eram tiradas as subvenções às horas extraordinárias, depois seria subtraído o próprio vencimento fixo. Entrava-se francamente na implantação das dez horas de trabalho normais. Iludidos, desmoralizados os operários das oficinas, o horário ampliado seria imediatamente extensivo ao restante pessoal ferroviário.

A coisa, porém, não pegou e o pessoal das oficinas do M. e D., que está na crença deste plano descrito, resolveu não cumprir a ordem de serviço, abandonando o trabalho à hora habitual. Depois efectuou uma reunião magna, onde foi deliberado:

1.º — Oficiar à Federação Ferroviária, Associação do Sul e Sueste e Confederação Geral do Trabalho, protestando energicamente contra a pretensa alteração à lei das 8 horas de trabalho, dando também conhecimento do que se estava passando com o pessoal das oficinas gerais;

2.º — Enviar um telegrama ao sr. ministro do Trabalho, igualmente protestando contra a aludida alteração;

3.º — Aliviar à União dos Sindicatos Locais, a inadiável necessidade de que todas as classes trabalhadoras levem a efeito um comício de protesto contra a premeditada alteração ao actual horário de trabalho;

4.º — Saudar a Associação de Classe e a C. G. T. levem a efeito.

Os operários metalúrgicos

A sua organização em Aljustrel e o seu contacto com os trabalhadores das minas

Escravos, sempre escravos!

Os metalúrgicos que em Aljustrel estão organizados são apenas os que fazem parte da indústria mineira. Antes de constituírem sindicato à parte em componentes da Associação dos Mineiros, embora em mais reduzido número.

Ainda hoje quando necessitam movimentar-se e não o podem fazer sem o concurso da Associação dos Mineiros, do mesmo modo que estes não podem movimentar-se sem o concurso indito daqueles.

Esta interligação resulta das próprias condições de indústria das minas, para a qual todos organicamente correm.

Todavia, por que se organizaram à parte e não puderam robustecer a organização, agremiando todos os que todos os metalúrgicos.

São considerados metalúrgicos também os operários que trabalham na tracção e na exploração das linhas férreas que ligam as oficinas e as minas e estas com a estação de Figueirinha, para onde é conduzido o minério nas vagonetas, atreladas a pequenas locomotivas primitivas da empresa.

Todo este pessoal compõe-se de 150 homens, distribuídos pelos vários serviços da indústria mineira.

Trabalham desde as 6 às 15 horas, com uma hora para almoço. São 8 horas, mas a Empresa pretende que eles trabalhem horas suplementares, com a condição de receberem o salário equivalente ao horário normal.

Nem todos se sujeitam a essa imposição e desse facto resultam vinganças — como sempre.

Os seus salários são de 3330, 4550 e 5870, ou seja uma média de 4550 por dia.

Não podia a Empresa dispensar-se dos regulamentos draconianos e estudados. Há tempos essas oficinas foi colocado um que, entre outras disposições, continha esta: nenhum operário poderá abandonar o seu lugar, seja a pretexto furto, durante os dois períodos de quatro horas de trabalho.

Isto é, o operário que necessitasse satisfazer uma necessidade corporal corporal imediata não o poderia fazer, sob pena de ser castigado.

Excusado será dizer que este regulamento só excepcionalmente poderia ser cumprido. Logo no mesmo dia, ou no seguinte aquele em que foi publicado, um operário vítima do mesmo. Apanhado em flagrante no crime de «fazer o que não podia mandar» ficou considerado delinqüente e foi para casa. No dia seguinte foi convidado a voltar para a oficina, mas o dia perdido não lhe foi pago.

Se de outros meios não dispusessem as superiores ou a Empresa para exercer perseguições e satisfazer mesquinhas vinganças, bastaria este.

Cabe, para finalizar esta resenha, perguntar: Quando se dispôs os operários d'abo a estas anomalias?

C. G. T. PRO-“A Batalha,”

Conselho Confederal

Reúne hoje o Conselho Confederal às 21 horas precisas, não reunindo-se, meia hora depois, segundo a resolução do último conselho, não estiverem presentes os delegados.

Congresso Nacional Operário

Para continuação da apreciação de teses e vários trabalhos, reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão organizadora do 3.º Congresso Nacional Operário.

A situação de A BATALHA

Já se encontram a venda mais bilhetes para a excursão fluvial na administração de A Batalha. A comissão, devido à enorme afilência de pedidos, teve de fretar mais outro vapor.

Também foram postos à venda os bilhetes para menores de 4 a 12 anos de idade ao preço de 1500.

Os que ainda não liquidaram os seus bilhetes devem fazê-lo com urgência.

Rúem hoje, às 21 horas, a grande comissão para nomear os que devem prestar serviço na excursão e a comissão de propaganda para tratar de assuntos urgentes.

Comissão central Pró-A BATALHA

Deve reunir hoje a comissão organizadora da última festa pró-A Batalha e bem assim a comissão administrativa.

Em Silves

SILVES, 31. — Conforme fôra anunciado, realizou-se um espectáculo promovido pelo «Grupo Dramático Lealdade do Barreiro», tendo subido a cena a peça dramática em 3 actos «Lágrimas», de Jorge Teixeira.

Como parte do produto líquido revertia a favor de A Batalha, por este motivo foi enorme a afilência do operariado silvense a este espectáculo, não tendo-se muito a ausência das magnatas da indústria e comércio locais, devido, segundo eles dizem, a ser uma peça bolchevista.

Estes senhores é tal o rancor que têm aos princípios igualitários, é tal o ódio que dedicam aos indivíduos revol-

PRO-“A Batalha,”

Grandiosa excursão ao Seixal

A grande comissão pró-A Batalha, promotora da excursão ao Seixal, com percurso a Cacilhas e à Barra, que se realiza no próximo dia 6 de Agosto, está bastante animada pela maneira como a venda de bilhetes continua sendo feita com interesse.

O programa é o seguinte:

A's 7 e meia — Embarque no Cais do Sodré, nos barcos Frederico Guilherme e Isabel, os quais se dirigirão a Cacilhas para receber a excelente Filarmónica Inconfidável Almadenense e com percurso pela Barra em direcção ao Seixal.

Chegada ao Seixal — Recepção aos excursionistas pelas crianças das escolas, associações e filarmónicas locais, sendo em seguida dadas as boas-vindas no recinto da Quinta da Francesa, onde se realizará uma sessão solene, em que fará uso da palavra alguns oradores do movimento operário.

No mesmo recinto os excursionistas realizarão um interessante picnic.

A's 15 horas — Espectáculo ao ar livre, pelo distinto Club Recreativo Os Chouros, com a representação das seguintes peças seguintes: «Vagabundo», drama em 1 acto; «Degenerados», farça em 1 acto; «Despertando», propósito dramático social. Em seguida alguns cultores da canção nacional farão um acto.

A's 19 horas — Regresso dos excursionistas a Lisboa.

Todos os menores dos 4 aos 12 anos pagarão, à entrada no vapor, uma senha por 1500 centavos.

Ontem, a procura de bilhetes teve muita concorrência. Os poucos que restam encontram-se a venda até amanhã em todas as localidades que já foram anunciadas. Esta comissão recebeu mais uma adesão de um grupo que fará uma elegante surpresa que deve ser de muito agrado, durante o picnic.

Já se encontra também a venda uma elegante fita de seda com o distintivo A Batalha, própria para distintivo, que será vendida ao preço de 330 centavos.

Comissão Central pró-Alexandre Vieira e Alfredo Marques

Reuniu ante-ontem esta comissão tendo resolvido que em virtude da forçada ausência de três dos seus membros a ela fossem agregados os camaradas Firmo, Sequeira e Carlos Gil, da indústria do mobiliário, fim de que os trabalhos em trânsito não sofriam interrupção. A comissão apela para aqueles dos seus membros que menos esforço têm, despendido nos trabalhos desta comissão a fim de que com a sua actividade permanente a grande obra de solidariedade que há um ano se vem realizando não sosso-bre.

Para todos os camaradas que têm em seu poder listas, quer estejam preenchidas ou por preencher, apela também esta comissão para que as devolvam o mais breve possível para a boa regularidade da sua escrita e a habilitar a publicação dos seus balancetes.

3.º Congresso Nacional da Construção Civil

Reúne hoje a comissão organizadora, com a presença de todos os delegados.

Trabalhadores. Lede e propaga A BATALHA.

TESE A DISCUTIR NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

A contabilidade administrativa dos organismos operários

Relator: GIL GONÇALVES

Ora, apliquemos a segunda das nossas três caixas, com as necessárias dimensões, servindo-nos dela para arquivar os verbetes, também de papel grosso, riscados como o modelo da fig. 3. Catalogamos estes verbetes, não por ordem alfabética como os anteriores, mas por ordem de números.

O último cartão será o correspondente ao último sócio entrado, e, por conseguinte, o mais alto número da nossa inscrição. Basta, pois, para sabermos o número que deve ter um novo sócio, ver qual é o número do cartão colocado posteriormente, e o novo associado terá o número seguinte.

Vamos proceder ao registro deste novo sócio: preenchamos dois verbetes em cada modelo. O primeiro, como vimos no capítulo anterior, vai para a ordem alfabética; o segundo fica nesta outra caixa, atrás de todos os já existentes.

Para o caso de consulta, estas caixas dizem-nos tudo. Sabemos, por exemplo, que um sócio se chama António Martins, mas queremos saber o seu número, em que estado está a cotização, qual o dia de respeito, etc. Abrimos as duas caixas. Na primeira há encontrado António Martins depois de António Marvila (pois não é assim no nosso arquivado) e ficamos sabendo que António Martins tem o número 362, que mora na rua da Liberdade, tendo já morado na Travessa das Mercês e na Calçada do Combro, que paga as cotas na oficina da rua do Crucifixo, que tem 34 anos de idade; que nasceu no Brasil; que a sua especialidade é forjador; que foi proposto por fulano, sócio número tal, e que foi admitido em 2 de Fevereiro de 1919. No verso deste verbete pode ler-

A BATALHA

III Congresso dos Operários da Indústria de Calçado, Curos e Pêlos

Sessão em Portalegre

PORTALEGRE, 29. — Na sede da Associação dos Manufatores de Calçado teve lugar no dia 27 uma sessão de propaganda para o congresso da indústria, tendo usado da palavra os delegados da Federação, Manuel da Silva Campos e Artur Alexandre de Oliveira.

A sessão, que estava largamente concorrida de manufatores de calçado, de camareiros de outras indústrias e rurais, presidiu Ernesto Augusto Belem. Falou Soares, que fez a apresentação dos delegados, referindo-se ao estado da associação, salientando a necessidade de a mesma dar ingresso na Federação, e Confederação. Quanto ao congresso diz reconhecer certas dificuldades em enviar delegados, em vista da despesa feita e a fazer com a compra da sede. No entanto diz estar disposto a trabalhar com denodo para que essas dificuldades desapareçam.

Artur de Oliveira, delegado da Federação, iniciou as suas considerações lamentando que desde que a Federação se constituiu, por várias vezes este organismo procurou estreitar os laços de solidariedade com os manufatores de Portalegre, convidando-os a aderir à Federação, sem que até esta data tal se tivesse conseguido, o que se demonstra o quanto os camaradas desta indústria daqui tem estado afastados da organização operária, facto tanto mais lamentável quando se verifica que a associação aderiu ao 2.º Congresso que criou a Federação.

Disertando sobre o próximo Congresso Corporativo, descreve as vantagens que dele podem advir, desde que o mesmo tenha a mais larga representação possível por parte dos Sindicatos da indústria, esperando por esse motivo que os camaradas de Portalegre dêem a sua adesão ao Congresso, e, removendo dificuldades, nomeiem o respectivo delegado.

Vários camaradas se manifestam em plena concordância com a exposição deste camarada, emitindo a opinião de que devem aderir ao Congresso.

Segue Manuel da Silva Campos, delegado da Federação, que diz congratular-se com o belo espírito manifestado pela assembleia, pelo qual verifica que os operários vão reconhecendo o seu valor. Abordando as dificuldades que o sindicato tem, diz serem motivadas na insignificante cota que os associados pagam, sendo de absoluta necessidade, para o sindicato poder tratar dos interesses dos seus associados e vir a cumprir o lado do restante proletariado organizado, levar a efeito o aumento da cota sindical sem o que não é possível realizar esse objectivo.

Faz ainda algumas referências sobre o Congresso, finda as quais diz congratular-se com a presença de camaradas rurais e corticeiros, cujas profissões conhece, por delas ter feito parte, a todos dirigindo palavras de incentivo para que cumpram com os seus deveres de operários conscientes para um futuro mais ou menos próximo, podendo adquirir a sua integral emancipação.

Findo o exposto por este camarada, o presidente consulta a assembleia sobre a adesão aos Congressos Corporativo e Nacional, sendo aprovada por unanimidade a adesão do sindicato aos referidos Congressos, resolvendo ainda a assembleia reduzir num dos primeiros dias de Agosto em assembleia geral para proceder à nomeação do delegado, aumento da cota sindical e estabelecimento da cota extraordinária para ocorrer às despesas com o envio do delegado.

Soares declarou-se satisfeito com as afirmações ali produzidas, fazendo salientar a falta de propaganda sindical que se tem feito sentir em Portalegre.

Finda a exposição deste camarada, encerra-se a sessão no meio de bastante entusiasmo.

Liga dos Direitos do Homem

No sábado — primeiro dia consagrado à demonstração da paz — reuniu o Director da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem.

Do expediente do estrangeiro figurava uma salvação da Junta Nacional da Liga Espanhola pela definitiva organização da colectividade portuguesa.

Foi aprovada a seguinte moção:

«A L. P. dos D. H. à semelhança da sua congénere a Liga Francesa não acredita na fecundidade da violência. Acredita sim na dignidade da pessoa humana, e acredita também que só a justiça pode assegurar a paz entre os indivíduos dum mesmo Estado, assim como entre os povos. Não mais guerra!»

Do expediente do país constava a adesão dos srs. José Zardo Júnior, advogado de direito; António Almeida Albuquerque, comerciante; António de Assenção Frago de Lima, industrial; Serafim José Lopes, industrial; José Frago de Lima, aspirante de finanças; António Pena, proprietário todos de Portel; Paulo Braz Medeiros funcionário do telegrapho em Sintra; Ernesto Martins, comerciante; J. M. Cordeiro, funcionário público, de Lisboa, e Manuel Esteves, industrial da Anadia. Foram todos aprovados sócios.

Acorda da situação do preso Rogério Ferreira da Silva o presidente do Directorio comunicou já ter reclamado contra a arbitrariedade prisão, junto do ministro da justiça. Pelo secretário da Liga foi apresentado um atestado passado pelo Director das Cadeias Civis declarando que o preso tem tido exemplar comportamento na prisão, assiduidade ao trabalho nas oficinas, demonstrando ser um bom profissional. Este atestado vem confirmar que se trata duma vingança política e oxalá o respectivo ministro resolva sem delongas o assunto.

Foi também apreciada uma local da Batalha, de 13 do corrente, referente ao regime prisional em Almada, conjuntamente com a informação do delegado da Liga.

Por último foi discutida e aprovada a seguinte proposta: «Considerando que decorridos quatro anos após o armistício da guerra o constante encarceramento da vida, e adulteração dos géneros alimentícios, é injustificado, criminoso e apenas representa uma manifestação de requintada e excessiva usura, a Liga Portuguesa dos Direitos do Homem afirma publicamente o desejo:

- 1.º De que o governo castigue severamente todos os indivíduos que têm contribuído para a carestia da vida e adulteração de géneros, indo a penalidade até ao confisco de 90 % dos lucros adquiridos de 1914 até 1921.
- 2.º De que os sindicatos organizem cooperativas de produção, industriais ou agrícolas, as quais só transacionem com as cooperativas de consumo ou com o povo consumidor e nunca com intermediários entre produtor e consumidor.
- 3.º De que as autoridades e todo o funcionário do Estado mantenha o seu prestígio social prendendo quem o tenta subornar.»

No próximo sábado reúne o Directorio com os membros do Conselho Jurídico.

AS GREVES

Os operários do mobiliário, apesar de virem lutando há perto de cinco meses, afirmam secundar com ardor qualquer movimento tendente a meter na ordem os magnates da moagem e panificação

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Lutando há tantos dias por um aumento de salário, cuja efemeridade bem medimos pela convocação da sua absorção pela ganância do capitalismo, a quem não importará pagar caro o conforto que a nossa produção lhes oferece, visto que seremos nós quem indirectamente lho pagaremos, compete-vos afirmar quais as vossas disposições, ante um pronunciamento geral contra as infames pretensões da esmagadora e venenosa moagem e panificação.

Os operários do mobiliário que, no passado, ostensivamente se colaboraram em todos os movimentos da massa explorada quando os que por lágrima, até mesmo, manifestam contra os aumentos de salário, optando pela utópica baixa do custo da vida, deixavam aos outros a defesa dos seus lares ameaçados, não podem deixar de afirmar-se neste momento, dispostos a manter o seu lugar na grande luta contra todos os potentados.

Se as circunstâncias assim o determinarem, a luta que há quasi cinco meses temos travado contra a «patronal», lojistas e industriais do mobiliário deve tornar-se extensiva; e, as oficinas há pouco preenchidas serão evacuadas para defesa de todos os lares e maior prestígio da organização operária!

Que neste momento o brado de todos vós, seja:

«Abaixo os dois tipos de pão!»

«Abaixo o proteccionismo à ladroagem!»

O Comité Central

A assembleia magna reúne amanhã, às 19 horas.

A comissão de donativos pede a todos os camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição, que lhes enviemos com urgência, a fim de não prejudicar a sua acção.

Corticeiros de Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 2.— Apesar da resistência mantida pelos industriais, continua firme como no primeiro dia, a greve dos operários desta indústria.

Ontem, uma comissão de grevistas, COMPRO

Movéis velhos e escangalhados, assim como me encarrego de restaurar mobiliários e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrevam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

Operários despedidos

Um patrão exemplar

Numa obra da rua de Santo António dos Capuchos, n.º 43, e de que é pároco José Joaquim Aguiar, por motivo dos operários que ali trabalham terem sabido cumprir com o seu dever, abandonando o serviço e acorrendo ao chamado da organização para protestar contra os dois tipos de pão, aquele patrão despediu-os, talvez por ter o suficiente para comprar o pão a todo o preço.

O S. U. da Construção Civil previne todos os operários para que não vão trabalhar para aquela obra enquanto não forem readmitidos os despedidos, pelo crime de serem conscientes acatando as resoluções da organização.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

RECLAMES

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

Teatro Maria Vitoria

LUA NOVA

9 e 10 h 12

Teatros

No teatro Avenida — "O pirata das Berlingas"

Nascimento Fernandes, tipo curioso de cómico relativamente vulgar no teatro espanhol e italiano, deixou por tempo a «revista» e se dedicou-se à comédia onde por ora não se sente muito à vontade, não por falta de vocação mas porque a iniciação não se acodora penitentemente ao seu feio inconfundível na primeira forma. Por muito que a sua vivacidade lhe dê margem, não é precisa muita atenção para divisarmos que a sua arte dum elasticidade cómica inconfundível, se sente mutilada dentro dos moldes de marcação que uma comédia determina, por muito destrabalhada que seja.

Obrigado Nascimento Fernandes a mover-se mais ou menos compassadamente sobre a sua via cómica, apontando-a na sua intensidade de desenvoltura, que nele não conhece balizas, nem tampouco se seguita a regramentos comedidos, impróprios da sua desconcertada maneira de representar. Com um físico excelente e patuço que ajuda muitas vezes o actor a fazer-se agradável, mas o físico desgongado que a nossa gargalhada desgongada também, Nascimento Fernandes atravessa até agora, a scena portuguesa coçando os espectadores que aos seus processos se afeiçoaram, considerando-o único no seu modo de fazer graça!

Pó-lo agora a apertar os seus gestos

Noticias

E' definitivamente depois de amanhã que reaparece no teatro de S. Carlos a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, subindo a scena a desopilante comédia *Aventuras de Rafael*.

E' amanhã a estreia em Portugal e no Coliseu dos Recreios, da magnífica opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

A revista *Lua Nova*, em scena no teatro Maria Vitoria, do Avenida Parque, e que a 19 do corrente completa com representações, vai em breve ser ampliada com três números novos, populares, da maior atracção e novidade, intitulando-se um deles o «certamen dos feirões».

Reclames

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reuniu ontem a comissão de educação e propaganda, tendo resolvido iniciar conferências e veladas sociais.

Núcleo do Porto. — Reuniram as comissões administrativa e de propaganda que protestaram contra o ataque desleal que um indivíduo fez contra o folheto editado pela F. J. S.

Escola de militantes. — Tem funcionando todas as quintas-feiras a Escola de militantes, estando a ser enormemente concorrida por parte da moidade sindicalista do Porto, e parte de Gaia. As jovens, sexo feminino, continuam a frequentar a escola, notando-se que esta está despertando grande interesse nos dois sexos.

A lição desta semana consistirá sobre a seguinte teza: «Que vantagens acarreta para o povo a municipalização dos serviços públicos: Agua, Luz, Viação, Carreiras, etc. etc.?» A municipalização que ponto de vista tem com o sindicalismo?

A aula deverá começar às 20 e meia horas, na sede do Núcleo, R. de Entre-las, 33.

A inscrição para a escola, continua patente na sede do Núcleo.

Na próxima segunda-feira reúnem em assembleia geral todos os filiados das Juventudes Sindicalistas do Porto, para apreciarem e resolverem a attitude que devem tomar sobre a resposta que a C. G. T. enviou a este Núcleo, relativamente ao movimento das Juventudes Sindicalistas e organização operária.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 (9 da noite) — HOJE

Espectáculo de acionistas

2.ª representação da opereta de grande sucesso do maestro STOLZ

A Dança da Fortuna

Magnifico desempenho

Música lindissima

BREVEMENTE: — A notável opereta de grande espectáculo, de Giuseppe e Piretti

AGUA SERENA...

Teatros

No teatro Avenida — "O pirata das Berlingas"

Nascimento Fernandes, tipo curioso de cómico relativamente vulgar no teatro espanhol e italiano, deixou por tempo a «revista» e se dedicou-se à comédia onde por ora não se sente muito à vontade, não por falta de vocação mas porque a iniciação não se acodora penitentemente ao seu feio inconfundível na primeira forma. Por muito que a sua vivacidade lhe dê margem, não é precisa muita atenção para divisarmos que a sua arte dum elasticidade cómica inconfundível, se sente mutilada dentro dos moldes de marcação que uma comédia determina, por muito destrabalhada que seja.

Obrigado Nascimento Fernandes a mover-se mais ou menos compassadamente sobre a sua via cómica, apontando-a na sua intensidade de desenvoltura, que nele não conhece balizas, nem tampouco se seguita a regramentos comedidos, impróprios da sua desconcertada maneira de representar. Com um físico excelente e patuço que ajuda muitas vezes o actor a fazer-se agradável, mas o físico desgongado que a nossa gargalhada desgongada também, Nascimento Fernandes atravessa até agora, a scena portuguesa coçando os espectadores que aos seus processos se afeiçoaram, considerando-o único no seu modo de fazer graça!

Pó-lo agora a apertar os seus gestos

Noticias

E' definitivamente depois de amanhã que reaparece no teatro de S. Carlos a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, subindo a scena a desopilante comédia *Aventuras de Rafael*.

E' amanhã a estreia em Portugal e no Coliseu dos Recreios, da magnífica opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

A revista *Lua Nova*, em scena no teatro Maria Vitoria, do Avenida Parque, e que a 19 do corrente completa com representações, vai em breve ser ampliada com três números novos, populares, da maior atracção e novidade, intitulando-se um deles o «certamen dos feirões».

Reclames

Hoje, no Coliseu, em espectáculo de acionistas, realiza-se a segunda representação da magnífica opereta de Stolz, *A Dança da Fortuna*, que ontem obteve um êxito colossal na sua estreia.

Brevemente irá à cena pela primeira vez no nosso país, a notável opereta de Giuseppe Piretti *Agua Serena*.

Está agora a dar as últimas representações no Politeama a encantadora opereta *A Rival*, que tem sido um dos mais notáveis êxitos da Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Brevemente irá à cena, pela 1.ª vez entre nós, a mimosa peça dos irmãos Quintero, *As Flores*, tradução de Avelino d'Almeida.

Mais uma bela noite, proporciona hoje o Teatro Avenida, pois ali teremos a impagável comédia *O Pirata das Berlingas*, interpretada primorosamente pelo querido e popular Nascimento Fernandes e pela gentil Cremilda de Oliveira e por toda a companhia.

As cenas arrebatadoras da sensacional peça *As Duas Garotas de Paris*, continuam a interessar vivamente o público que, todas as noites, enche a cunha o Eden.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reuniu ontem a comissão de educação e propaganda, tendo resolvido iniciar conferências e veladas sociais.

Núcleo do Porto. — Reuniram as comissões administrativa e de propaganda que protestaram contra o ataque desleal que um indivíduo fez contra o folheto editado pela F. J. S.

Escola de militantes. — Tem funcionando todas as quintas-feiras a Escola de militantes, estando a ser enormemente concorrida por parte da moidade sindicalista do Porto, e parte de Gaia. As jovens, sexo feminino, continuam a frequentar a escola, notando-se que esta está despertando grande interesse nos dois sexos.

A lição desta semana consistirá sobre a seguinte teza: «Que vantagens acarreta para o povo a municipalização dos serviços públicos: Agua, Luz, Viação, Carreiras, etc. etc.?» A municipalização que ponto de vista tem com o sindicalismo?

A aula deverá começar às 20 e meia horas, na sede do Núcleo, R. de Entre-las, 33.

A inscrição para a escola, continua patente na sede do Núcleo.

Na próxima segunda-feira reúnem em assembleia geral todos os filiados das Juventudes Sindicalistas do Porto, para apreciarem e resolverem a attitude que devem tomar sobre a resposta que a C. G. T. enviou a este Núcleo, relativamente ao movimento das Juventudes Sindicalistas e organização operária.

Queixas e reclamações

No Seixal passou-se um caso que está longe de prestigiar o sr. Barros, administrador daquele concelho.

Foi o caso de que há um mês os vendedores ambulantes João Rodrigues Viseu, Joaquim Martins e o seu empregado Cristiano Tavares Pinto, foram ali presos, sob a acusação de venderem licitamente armas de fogo. A acusação provou-se ser falsa, pelo que os pozaram em liberdade, extorquindo-lhes 5300 de carceragem. Como vêm, isto de se preso no Seixal, passou a ser luxo.

Portém, o cidadão sr. Barros, aprendeu a um deles uma pistola apesar de existir a referida licença. Agora recusou-se a entregá-la, não respondendo mesmo à ordem que nesse sentido do Governo Civil lhe foi enviada.

O mais curioso do caso foi ele ditado que precisava duma pistola e a obter em seu poder a que ilegalmente aprendeu e teimosamente se tem recusado a devolver.

— Escreve-nos o sócio de *A Voz do Operário*, A. Rafael Afonso, para nos descrever o facto de terem passado a sua filha uma carta de exame cheia de rasuras e de notórias provenientes de matérias gordurosas. Como fosse reclamada a sua substituição por outra que fosse decente e higienica, recebeu respostas desabridadas dos cavalheiros que há meses se apoderaram da Sociedade e fazem tudo quanto lhes apetece... São passados 8 longos meses e em vez de receber a carta, obteve respostas de modo a dar a entender que a *Voz do Operário* caiu na posse duns incivilizados quadrúpedes.

CALENDÁRIO DE AGOSTO

T.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL
Q.	2	9	16	23	30	Aparece às 5,39
Q.	3	10	17	24	31	Desaparece às 17,46
S.	4	11	18	25		
S.	5	12	19	26		
S.	6	13	20	27		
S.	7	14	21	28		

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 11,41 e às 00,00
Baixamar às 4,34 e às 17,11

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima. — Estatutos de 37 de Novembro de 1891

Festas à Senhora da Saúde em Reveles

Por motivo destas festas, que se realizam no dia 6 do corrente, os comboios n.ºs 502 e 508, que partem de Coimbra respectivamente, às 6-50 e 16-15, n.ºs 503 e 245, que partem da Figueira da Foz, respectivamente, às 9-53 e 19-06 e os n.ºs 240 e 246, que partem de Alfaiões, respectivamente, às 11-55 e 20-10 terão paragem de 1 minuto ao quinto metro 210,50, junto a Reveles, para serviço de passageiros.

Os preços aplicáveis são os de 1.ª para Reveles, sendo válidos para todos os comboios acima citados os bilhetes do 3.º da tarifa especial n.º 3 de grande velocidade.

Lisboa, 2 de Agosto de 1922.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

MAIS ECONOMICO

VENDA A RETALHO

400 peças de excelentes fazendas de pura lã em exposição para fatos e vestidos nos depósitos dos fabricantes Donas da Covilhã, para venda a retalho, desde 30 cêntimos cada corte de fato de 3 metros

VEJAM PARA CREK

LISB: R. dos Fanqueiros, 187, 2.º
ORTO: R. Fernandes Tomás, 392-A

Aos construtores civis

Muraline

A melhor tinta a água e lavável. Não é venenosa nem exala cheiro. Descolou especial aos revestimentos.

Mário Costa & C.ª, Lda
Lisboa: R. das Pedras Negras, 21. 1.º
Porto: R. do Almada, 30. 1.º

Correios e telégrafos

Uma comissão desta classe, acompanhada de numeroso pessoal, procurou o presidente do ministério e da câmara dos deputados, leaders, etc., para que estas entidades influam por forma que na presente sessão legislativa sejam aprovadas as caixas de receptáculos nos domicílios.

CAMBIO

Países	Moedas	Ab. par.	Comp.	Quota
Alemanha	Marcs	433	8015	8021
Austria	Corons	113,1	12030	12038
Belgica	Francos	113,1	12030	12038
Espanha	Pescetas	113,1	12030	12038
E. U. A.	Dolares	492,4	13430	13410
Francia	Francos	27,2	1428	1428
Holanda	Florins	113,1	12030	12038
Inglaterra	Libras	433	8015	8021
Italia	Libras	433	8015	8021
Suica	Francos	113,1	12030	12038

Carreiras de vapores

NO TEJO

De Lisbon (C. Sodrê) para as Cañhas às 6-50, 7-10, 8-30, 9-20, 10-10, 11-50, 12-40, 13-20, 14-10, 15-00, 16-00, 17-40,

"A BATALHA" NA VILA DE ALJUSTREL

Reportagem rápida daquela localidade perdida na solidão alentejana

São 4 horas. Na estação tudo deserto. Em frente, uma taberna mal iluminada, onde alguns, poucos, ingerem o seu copo de aguardente—para matar a febre—diz um, que em poucos minutos, bebe três copinhos.

Prepara-se a carrinha que faz a diligência e o correio para Aljustrel—um carro de duas rodas com um carroço urbano, quasi desconjuntado, puxado por um macho, animal magríssimo como o roncino de D. Quichote. Já está prático no caminho, que percorre há cerca de duas dezenas de anos de olhos fechados e sem que o guie.

Eu e outro passageiro abancamos na carrinha, uma táboa atravessada ao centro, que de quando em vez se deslocava e caía em cheio sobre os artilhos dos pés, só não nos ferindo, porque as sacas da correspondência postal, postas meteticamente na trazeira da carrinha, um pouco sob a móvel bancada, nos resguardavam um tanto, nos pouando do contido e encomodo das recalças desagradáveis.

O dia não desponta ainda. O céu estrelado mal ilumina a planície extensa, a steppe alentejana. Mal se divisam, ao longe, silhuetas de pequenos montículos. Nem uma árvore, nem o gorgolejante dum passarinho naquele romper do alvorecer. Apenas o estrondo dos rodados da carrinha e do zumbido delicioso da brisa. O único passageiro que me acompanhava arriscava umas frases cordiais, mas o sono invade-o e de ali a pouco cabeceia, e cá, ora sobre mim, ora sobre o cocheiro. Este dormitava um bocado, mas o cochinho pode explicar que aquilo é o feito do andamento da carrinha, que lhe parece um berço.

Nanja a mim, que vou preocupado com o deslocamento do assento, e que, graças aos solavancos que tem o condão de adormecer o meu encantador companheiro, me fazem aninhar de vez em quando.

O cocheiro, em certo momento também tem umas manifestações de sono. Cabeceia a ponto de por uma vez, tocar com a carapuça que lhe cobre a cabeça até ao pescoço na garupa do macho. Desperta e prende as cordas a deslizar-se que substituem as redas de outro a um dos tapais, embuça-se no capote alentejano e recosta-se atravessado na frente da carrinha, deixando o macho caminhar a seu sabor.

Desponta o dia e já não adormece. Após algumas banalidades, confessa a sua disposição de abandonar aquele serviço do correio.

Pagam-lhe, por dia, para seu sustento, sustento do animal e concerto do carro 4\$75. «Se não fossem os passageiros, teriam já corrido com fome e a desconjuntada carrinha teria também desaparecido».

É conta a sua odisséia de mais de 20 anos percorrendo aquelas estradas, sem consideração alguma por parte da administração.

O gabinete da Associação dos Mineiros estava pejado de mineiros, sentados uns à volta da larga mesa dos trabalhos sindicais, enquanto outros se conservavam de pé, em conversa animada sobre as coisas da mina. Quasi todos já homens idosos, com mais de duas décadas de anos de trabalhos subterrâneos. Dispoz-nos bem esta circunstância, os velhos dando o exemplo aos novos na frequência do sindicato e no interesse pelas questões de trabalho na área invencível de melhoramento das condições de existência, na esperança de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo.

Aquele já declinar da vida, como que insuflava entusiasmo aos mais novos, num permanente convite à luta, à acção, com sangue novo e nova energia. Eles ali estavam a alistar, numa última afirmação da vontade, o seu amor pelo Sindicato redentor, o único elemento de libertação das condições modernas e capazes de resolver e transformar o velho edifício burguês, minando os alicerces da injustiça social, como eles há longos anos vinham minando as entranhas da terra e extraindo parte da riqueza sob a qual eram esmagados pelos possuidores e prepotentes.

Eles eram os pais do Sindicato que queriam legar aos filhos como herança de real valor, a única que lhes trará a felicidade, e como glândia de mil cabeças, arredados os elementos daninhos da política, bem a soberana manjeira na conquista do pão e da liberdade para todos.

O que é um filho
Cada um deles apresentava queixas amargas, num crescente espírito de revolta—revolta ainda o seu tanto inconsciente, mas justa e humana.

Arriscamos várias perguntas, às quais respondiam em tropel, com factos sobre factos, todos procurando demonstrar a rudeza do seu trabalho, os poucos salários que auferem, os roubos, as perseguições, as violências de que são vítimas.

Procuramos sistematizar e convidamos um dos que nos pareceu mais capaz de explicar as condições de trabalho e a situação económica dos mineiros.

Principamos, pois, pelo «filho».

Um filho — diz-nos ele — pode ter 200 metros de comprimento.

—Que é um filho?

—Eu explico um filho é a parte do interior da terra onde é encontrado o minério. Esse filho pode ser estreito como pode ser largo. Neste último caso a terra é recortada em abóboda e romba naquela direcção. Vai-se alargando enquanto se encontra o minério procurado. Mas não se pode alargar mais do que o que é possível para agüentar as paredes e o tecto do recorte com madeiras.

—Ao centro da galeria são assentes os carris por cima dos quais rodam as vagonetas que conduzem o minério para a boca do poço da mina. Como o filho é largo, os mineiros abrem novos recortes, ao lado, nas paredes da mina; e, nos poucos, vão extraindo o minério em larguras que vão de meio metro a 15 metros. São as minas transversais. Se o minério continua aparecendo com abundância, é aberta uma nova galeria de reconhecimento; mas se falta, é aberto

nistração geral dos correios, que não paga a quem bem a serve.

—Nada, não merece a pena sacrificar um animal para servir quem não sente a dor alheia.

Eu queria aproveitar o tempo. Uma das minhas preocupações era conhecer o estudo interior das minas, observar o trabalho do mineiro, no sub-solo, extraindo o minério, tem útil às indústrias como fonte perene de riqueza da companhia que explora e com ela enriquece, aproveitando a força muscular e a ignorância do rebanho, que, à formiga, baixa diariamente à mina sob o olhar duro do capitaz encarregado de espiar

Sigo monte acima. Grades de madeira em quadrado e ao alto, indicam os poços das minas. Caminhámos sobre as grandes galerias do sub-solo. Salcos largos e profundos se desenhavam em vários sentidos. O meu «sicroner» informa:

—Estas cavidades que se alongam por aí além, são partes do terreno abatidas sobre as galerias abertas no interior da terra.

A cada passo isso sucede e a Empresa das minas manda então cobrir as partes abatidas com terra para que haja sempre a impressão de que a terra continua nivelada perante quem passa no

exterior. Deste modo se encobre o perigo a que estão sujeitos os desgraçados que no sub-solo trabalham sob a permanente ameaça de ficarem soterrados.

Caminha a distância um oficial da guarda com um jornal na mão, fitando-nos com insistência. Examinávamos, então, o malacate, nome por que os mineiros designam o aparelho montado sobre os poços das minas, para arcar as vagonetas carregadas com o minério e conduzir o riñeno para o interior.

Que desconforto é este oficial? Que diabo de interesse teria ele em procurar conhecer-nos? A insistência do seu olhar perscrutador voltamos as costas com disfarce. O meu «sicroner» informa logo:

—Aquele oficial é o «soba» das minas. Está, com uma força do seu comando, ao serviço da Empresa. Foi o mesmo que prendeu dois delegados metalúrgicos aqui vindos em propaganda. E ainda foi ele quem prendeu e expulsou do coneelho outros dois delegados, um da C. G. T. e outro rural, quando também aqui vieram no desempenho da mesma missão.

Qualquer desgraçado que seja preso, mesmo por motivos fúteis, mas que não caia em graça ao oficial, apanha sempre uma carga de cavalo marinho, que o mesmo lhe dá ou manda dar.

—Qual não há?! Ah! camarada: não calcula!—exclama o nosso entrevistado. E prossegue: Os filhos, há cerca de seis anos, possuíam a ventilação precisa. De vinte em vinte metros havia um poço de ventilação. Mas, hoje, sem se ter em consideração alguma a saúde e a vida dos mineiros, esses poços foram fechados. A Empresa parece ter tido apenas em vista uma redução de despesa e a morte violenta, ou lenta, dos mineiros.

Como explica isso?

—E' que nesse tempo havia homens e madeiras suficientes. Madeiras para os quadros e os entalhadores que os preparavam, para o revestimento desses poços. Hoje, não. Nem material, nem «entalhadores», nem poços.

—Contribuiu muito para isso o que vou relatar-lhe: A terra, graças às constantes galerias abertas umas sobre as outras para aproveitar os filões do sub-solo, abateu na superfície. Nesse abatimento envolveu parte desses poços de ventilação. Cumpriram-se, desfeitos, os seus resistentes de madeira que seguravam as suas paredes. Ficou tudo esmagado. Em certas partes a terra chegou a abater cerca de vinte metros. E já tem visto a terra da superfície nas galerias do sub-solo.

—E como podem os operários trabalhar sem o ar necessário?

—Mas a maioria fica, porque a isso é obrigada pelas superiores que não consentem o abandono do trabalho. O que retira volta logo. Deste modo a saúde dos mineiros corre perigo e a continuação vai-os matando aos poucos, lentamente. Os superiores forçam o trabalho contínuo, entre o pó e o fumo, que, pela falta de ventilação suficiente, conserva-se na mina todo o tempo que os mineiros trabalham.

Um filho, o número 40, que em tempos foi abandonado por não se ter produzido um incêndio. Uma parte da madeira incendiou-se por o calor ser muito, incêndio produzido pela inflamação das madeiras sob o contacto do minério. Uma e outra ficaram reduzidas a pó. Voltando-se a explorar aquele filão acontece que os operários, na extracção do minério fazem levantar

para satisfação dos seus felinos instintos!

Estava explicada a insistência do seu olhar. O gulosso larejava... Nem de outra raça os pretendem as empresas capitalistas.

Vamos às minas de S. João. Saímos da vila por uma rua algo espaçosa, ladeada por casebres em fila, todos terrosos, de aspecto nada risonho. O pavimento é primitivo, como o de todas as ruas próximas daquele lado da vila—«a Aldeia», como lhe chamou o meu paciente e amável «sicroner»; as protuberâncias salientes das rochas, os pedregulhos, as cavidades da rua íngreme, dão bem a nota do abandono a que aquelas ruas estão lançadas pelo município de que é presidente um dos irmãos de Brito Camacho. Dir-se há que o coneelho não lhe dá receitas suficientes. Por um momento assim pensei, recordando-me do pobre aspecto geral da vila. População de mineiros por excelência, fraco comércio, que contribuições havia ela de pagar para o Município?

Mas, não. Então os lavradores? E, além disso, as minas não constituem inexgotável manancial de riqueza?

Não podia a companhia das minas, quasi só por si, ocorrer às despesas do Município, para que este proporcionasse à população que a enriquece um pouco mais de beleza, de higiene e de conforto? Podia, sim. Quilómetros de terreno lhe pertencem, e toda a sua riqueza, riqueza no sub-solo e riqueza na vasta superfície. Só o actual director possui centenas, senão milhares de cabeças de gado, além dos produtos da terra, cultivada pelos servos do terreno, que ele, em pessoa, vigia todos os dias, como um rebanho. Quasi só este é a companhia exploradora, que ele representa podiam contribuir para o progresso e embelesamento da vila. Não fazia mais, se assim procedesse, do que seguir a exemplo dado pelo director anterior, Vitorino Valpéire, a quem se devem iniciativas de valor, como a abertura de novas ruas espaçosas, construção das casas para os operários, a pouca arborização que existe, animado certamente pelo espírito empreendedor dos homens inteligentes de ideias largas e progressivas. Não este, que tudo abandonou, preocupando-se apenas o interesse pessoal, animado pelo egoísmo feroz das criaturas que só cuidam em fazer fortuna em terra estranha, à custa da população indígena, humilde, soberbo, escrava do trabalho, e da rotina, alheia às manifestações de beleza e de ideal. E o Município mantém o tradicional desprezo pelo bem estar dos municípios, talvez para não forçar os privilegiados possuidores a contribuir para o bem geral daqueles que produzem a riqueza.

—E o caso daquelas ruas da «aldeia» abandonadas e em que vivem só os produtores da mina e do terreno.

No alto da esplanada livre a estrada que liga as minas, é lisa tem bom aspecto.

—Que máquinas são essas? A que se destinam?

—São as máquinas que perfuram a rocha. Logo que principiam a trabalhar produzem um pó fino que se espalha nos recortes e que, por falta de ventilação nas minas, é absorvido em grande parte pelos mineiros. Mas esse pó aumenta, quando se produz a explosão da dinamite no buraco perfurado da rocha. Então junta-se ao pó o fumo produzido pela explosão. Nuvens espessas envolvem os mineiros por tal forma que mesmo ao pé, nem as silhuetas dos mineiros se divisam. Apenas o tremular da luz de um outro gazómetro dá a impressão de que há vida.

—Mas isso é asfixiante! Como podem os mineiros resistir?

—Oral. Resistem enquanto podem! Um ou outro consegue retirar-se por algum tempo.

Mas a maioria fica, porque a isso é obrigada pelas superiores que não consentem o abandono do trabalho. O que retira volta logo. Deste modo a saúde dos mineiros corre perigo e a continuação vai-os matando aos poucos, lentamente. Os superiores forçam o trabalho contínuo, entre o pó e o fumo, que, pela falta de ventilação suficiente, conserva-se na mina todo o tempo que os mineiros trabalham.

—Mas, e se se dá um desastre? —Oh! Não tenha dúvidas... só se salvam alguns. Eu explico: no sub-solo há as galerias, as sub-galerias, os recortes, os sub-recortes, etc., abertos em todas as direcções. Um poço tem, por exemplo, 40 metros de profundidade até à primeira galeria; 20 metros até à segunda, outros 20 até à terceira; ainda outros 20 até à quarta e os restantes 20 até à quinta galeria. Cada uma destas galerias tem os recortes transversais, de que já falemos. Se se der um desastre—o abatimento do centro duma galeria, por exemplo—só se salvam os que ficaram do lado do poço, que é simultaneamente de entrada e de saída. Os que ficaram no interior, sem luz, sem água e sem respiração. Enquanto que se houvesse outros poços ao cabo das galerias a salvação de todos já seria possível.

—Já tem acontecido esses desastres?

—Já. Ainda há pouco numa das minas, nos Algarves, sucedeu um desses desastres. Não morreu ninguém, porque onde o desastre se deu o terreno era um pouco duro e não abateu em demasia. Mas, mesmo assim, dois operários ficaram na parte interior. Como foi em pequena quantidade o terreno que abateu, puderam as escavações ser feitas com rapidez e salvar-se aqueles operários.

Nem, ao menos, água para beber!

—Tem ao menos água com abundância?

—Isso sim! A água falta, como falta tudo. Quer-se às vezes água para beber e não a temos. Calcular por isso o que sofremos: nem ar, nem água, nem defesa da vida e nem ao menos salários compensadores.

—Calculo, calculo... Só me admira da vossa paciência para suportar tanto sofrimento sem um gesto digno de revolta contra quem em tão má conta tem a vossa existência.

—E qual é o sistema do salário; o pagamento é o jornal ou é todo por empreitada?

—E' por empreitada para os mineiros. Só os que trabalham com as máquinas é que recebem a jornal: 5\$30 e algumas gratificações, se fizerem mais do que o trabalho estipulado na «contrata».

—E essa empreitada é bem paga?

O nosso entrevistado tem um sorriso contrafeito. Suspira com amargura e responde:

—Há duas formas de empreitada—por metro e por vagoneta.

—Qual é o preço das vagonetas e qual é o dos metros?

—Não há preço fixo, nem para uma nem para outra forma de medição. E' conforme a «contrata».

—Mas o que é a «contrata»?

—A «contrata» é o seguinte: Sempre que se principia um trabalho, por mandato do engenheiro, é apresentada aos operários uma tabela de preços, tanto por metro como por vagoneta. Esses preços são variáveis. Hoje são uns. Amanhã são outros. O engenheiro vem observar se o operário ganha muito ou pouco. Se o salário resulta inferior deixa passar. Mas se o engenheiro verifica que o dinheiro vai sendo de mais em relação ao que havia calculado, manda abater a jorna.

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

—8 horas, segundo o que se diz. Mas, quanto a nós, é alguma coisa mais.

—Então como?

—Por isto: As 8 horas não são contadas desde que entramos à boca das minas, tal e qual como acontece com os operários cujo horário é contado desde que entra na fábrica ou na oficina. Entramos para a mina um quarto de hora antes. Depois das primeiras 4 horas de trabalho temos meia hora para a refeição, ao fim da qual pagamos logo ao trabalho. Conte agora o tempo que se gasta na subida da mina até à porta e verificará, em vez de 8, temos, na realidade, 9 horas de trabalho. Devo acrescentar que a Empresa pretende que alguns trabalhem horas suplementares, mas pagos em singelo.

Como se ilude o horário do trabalho

—E qual é o vosso horário de trabalho?

